

Articulações para 2002 vão começar nos Estados

Estrategistas do governo já iniciam caça às alianças com as bases

BRASÍLIA – No embalo da crise energética, as disputas entre os aliados e o racha interno nos partidos da base governista aceleraram não só a corrida presidencial como precipitaram, também, as articulações políticas para compor os interesses da aliança a partir dos Estados.

Diante da impossibilidade de brear a corrida presidencial, o Palácio do Planalto resolveu entrar no jogo das composições regionais com dois objetivos: além de fortalecer as candidaturas presidenciais com as quais trabalha hoje, os governistas operam para atrapalhar o jogo dos adversários, especialmente daquele que mais preocupa amigos e até outros inimigos do presidente Fernando Henrique Cardoso: o governador de Minas, Itamar Franco (PMDB).

Com a fragmentação do quadro político, os estrategistas do Planalto concluíram que já se foi o tempo em que os candidatos à Presidência da República puxavam votos para os candidatos a governador. “Agora, são as bases que vão alavancar a candidatura presidencial”, prevê um cardeal do PSDB. É por isso que os estrategistas da aliança não têm dúvidas: apesar da resistência dos pré-candidatos, que não querem se expor a desgastes com tamanha antecedência, não há remédio fora da definição do nome preferido por Fernando Henrique para sucedê-lo no Planalto. “O lançamento antes de outubro é inevitável para segurar as alianças regionais e garantir os palanques nos Estados”, diz um importante colaborador do presidente.

GRANDE
DESAFIO É
UNIR PSDB
E PFL

Apagão – O ministro pefelista da Previdência Social, deputado Roberto Brant (MG), concorda. “Neste quadro fragmentado, a geografia política será determinante, porque várias sucessões presidenciais serão disputadas a um só tempo, nos principais centros políticos do País”, prevê Brant. Tem razão. A grande preocupação dos parceiros da aliança que ainda trabalham para reeditar a coligação PSDB, PMDB, PFL e PPB em 2002 é saber como os candidatos vão se comportar com relação às realidades locais.

Seja quem for o candidato governista, ele terá de compor com os grandes caciques da aliança em cada Estado. Assim, o jogo sucessório incluirá os interesses do presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen, em Santa Catarina; da família Sarney, no Amapá do senador José Sarney (PMDB) e no Maranhão da governadora Roseana Sarney (PFL); e do presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB).

De uma coisa ninguém discorda: o candidato do governo Fernando Henrique só existirá caso sua administração afaste o fantasma do apagão ainda este ano. “Se virarmos 2002 ameaçados pelo descontrole da crise energética, não haverá candidato do Planalto que seja capaz de chegar ao segundo turno da eleição presidencial”, prevêem, realistas, dirigentes nacionais e ministros do PSDB, PFL e PMDB. Por isso mesmo, as composições regionais ganham mais importância no processo político em que todos investem no mesmo objetivo: fazer o maior número de governadores e garantir a maior bancada na Câmara e Senado, para assegurar o posto de força política indispensável a qualquer governo no Congresso, seja ele de esquerda ou direita.

Xadrez – Os partidários da candidatura do ministro tucano da Saúde, José Serra, ressaltam, otimistas, que as pesquisas de opinião apontam a preferência de 9% a 11% do eleitorado, mas que a grande maioria nem sequer sabe que ele é candidato e, menos ainda, o que tem feito de bom no Ministério. Os “serristas” avaliam que, para fazer decolar a candidatura do ministro, será necessário que ele conte com “divulgadores de suas ações” em cada Estado. Estes divulgadores estarão todos no palanque do candidato a governador que vai compor a aliança nacional com o tucano.

Como ainda é cedo para fechar uma opção de candidatura, os aliados trabalham em várias frentes, não só para montar o jogo que interessa ao PFL ou ao PMDB, como para desmontar a pré-candidatura de Itamar Franco.

Os governistas do PMDB investem na parceria com Serra, com o governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos (PMDB), como vice. Enquanto isto, a ala rebelde partidária de Itamar sonha com uma chapa puro-sangue. “Eu ainda aposto que o Simon (*senador Pedro Simon, do PMDB gaúcho*) vai desistir de sua pré-candidatura para compor a chapa na vice do Itamar”, diz o ex-deputado Paes de Andrade (PMDB-CE), candidato a retomar a presidência do partido em setembro.

Como o Planalto e os governistas do PMDB rejeitam a candidatura de Itamar, boa parte do xadrez político passa por Minas. “Qualquer arranjo em Minas terá de considerar que o primeiro colocado no Estado será o governador”, alerta o ministro mineiro Roberto Brant.

A seu ver, o grande desafio dos aliados é promover o entendimento entre PSDB e PFL para compor um só palanque no Estado.

Mas, bem no espírito das

“várias sucessões presidenciais” que ele mesmo prevê, Brant aparece como opção de vice, compondo uma chapa com o governador tucano do Ceará, Tasso Jereissati, ao mesmo tempo em que também flerta com o PPS do presidencialista Ciro Gomes. Não é o único.

Outro mineiro, o senador José Alencar (PMDB), é alvo de diferentes articulações que também têm, à sombra, a mesma figura do ex-governador Hélio Garcia (PTB).

Depois de ter assinado a CPI da Corrupção, Alencar foi procurado por emissários do PTB, ofertando-lhe a legenda e abrindo-lhe a opção de participar da chapa ao Planalto, com Ciro Gomes. O PTB já oficializou sua parceria com o PPS no plano nacional e, por isto mesmo, os socialistas também já começaram um namoro com Alencar no Senado. O Planalto aplaude. Qualquer articulação que possa suprimir votos de Itamar Franco em Minas é bem-vinda.

Não que os aliados de Fernando Henrique prefiram Itamar a Ciro. A avaliação geral hoje é a de que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) seria o melhor adversário, não pela análise simplista de que seria mais fácil vencê-lo, mas pela certeza de que o enfrentamento direto com Ciro ou Itamar será muito mais pesado e danoso para a imagem do presidente e de seu governo. “Com qualquer dos dois no segundo turno, a campanha será radicalizada, na base do denunciamento que vai infernizar o presidente e destroçar sua biografia”, diz um estrategista do Planalto, argumentando que, neste caso, a eleição sairá do campo da disputa política para um “conflito pessoal que beira o ódio”. (C.S. e Lillian Lavoratti)